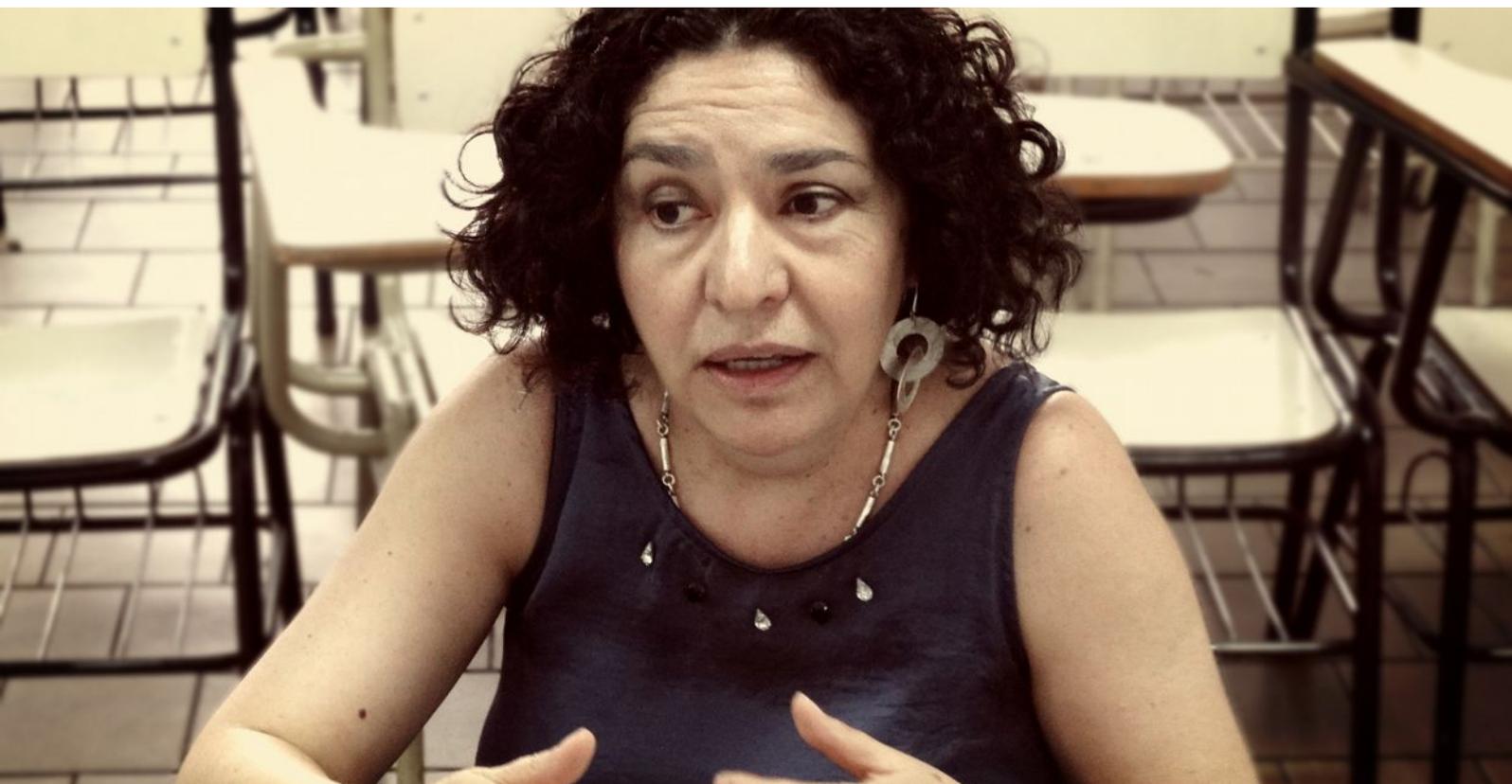


ENTREVISTA

# Sandra Fernández Castillo



Entrevistada em dezembro de 2015,  
por André Pasti e Wagner Nabarro.

Durante uma estadia em Buenos Aires, na Argentina, onde proferiu a conferência “*Modelo forestal y espacios de control en Chile: una lectura posestructuralista de las relaciones sociales y productivas en tensión*”, no Seminário *Cultura, Naturaleza y Territorio: Interrogantes teóricos y metodológicos*, do Instituto de Geografia da Universidade de Buenos Aires (UBA), a professora Sandra Fernández Castillo nos concedeu uma entrevista. Diversos temas foram abordados: suas pesquisas sobre territórios corporativos, a geografia do desenvolvimento, as abordagens da questão de gênero na Geografia, diversas questões epistemológicas e a escola de Geografia de Lund (Suécia), onde Sandra cursou seu doutorado.

*Boletim Campineiro de Geografia:* Professora Sandra, você vem trabalhando a questão dos usos corporativos do território e dos territórios corporativos, atuando também na articulação da rede “Territórios corporativos”. Qual é a importância dessa temática para as agendas de pesquisa da geografia latino-americana?

*Sandra Castillo:* Partimos sobre a maneira que nós conformamos essa rede de territórios corporativos que, inicialmente, também achamos que para muitas pessoas pode soar um pouco agressivo – quer dizer, assim reagem alguns estudantes quando não conhecem realmente o conceito em si. A ideia era precisamente recuperar o conceito de território corporativo, recuperando também os trabalhos de Milton Santos. Compõem essa rede principalmente geógrafos e geógrafas do Chile, algumas pessoas na Suécia, outras pessoas na Argentina, na Colômbia, e temos esse interesse permanente de revitalizar o pensamento geográfico latino-americano, no qual o Brasil tem uma importância, uma relevância muito grande. E, por sua vez, conhecer María Laura Silveira, discípula e que trabalhou também com Milton Santos. Então para nós é um exercício muito enriquecedor ver de que maneira podemos compreender essa ideia de território usado, que adquire essa ideia de território corporativo precisamente em tempos de globalização. E como nossos países na América Latina, especificamente, estão saturados, eu diria, de territórios corporativos – em grandes escalas, em médias escalas... Quer dizer, não só a grande empresa, podem ser também médias empresas, mas várias médias empresas que também formam oligopólios.

Então, nesse sentido, o encontramos no rural, no urbano, no turístico... nós nos movemos em torno de como essas corporações também vão se acomodando, e vão, digamos, transformando nossos territórios através dessas topologias corporativas, de que fala María Laura Silveira. Assim, acredito que é um conceito... a categoria é o território, que permanece, mas o conceito se transforma, com o tempo, dependendo do contexto histórico. Creio que o conceito de território corporativo é algo que deveríamos trabalhar muito na Geografia na América Latina. Não só na América Latina, mas como somos “donos” de Milton Santos, me parece que seria muito relevante nesse sentido.

Agora, a rede é incipiente... É nova. Tivemos dois encontros, um deles em Concepción, na Universidade de Concepción, onde trabalho, em 2013. Agora, estamos pensando onde fazer o próximo encontro, porque custa um pouco se mover. É um pouquinho difícil, mas são encontros muito enriquecedores, muito mais, penso eu, que os grandes

*O conceito de território corporativo é algo que deveríamos trabalhar muito na Geografia na América Latina*

congressos que frequentamos. Esses grandes congressos de Geografia, em geral, se vai, fala-se, conta-se, e tudo é muito descritivo porque quase não há tempo para o debate, a discussão. Por outro lado, nesses encontros sim, temos tempo. E por isso me pareceu importante fortalecer a rede. Vocês também estão convidados! Estamos tratando de incluir estudantes, geógrafos e geógrafas jovens também, para dar um pouco mais de vida a essa rede.

**BCG:** Falando um pouco de suas pesquisas e sua perspectiva teórica, o desenvolvimento de que trata, o “pós-desenvolvimento”, tem uma crítica às teorias do desenvolvimento, e busca formas alternativas de pensá-lo. Como você vê essa incorporação dessa linha teórica para os estudos geográficos e qual pode ser o papel da Geografia na proposição dessas novas práticas de desenvolvimento?

**Sandra:** Especificamente meu doutorado é em geografia do desenvolvimento. Então, é pensar o desenvolvimento a partir do primeiro mundo, da Europa, que observa o terceiro mundo. Sem dúvida, essa perspectiva é um pouco colonial, em certo sentido. Agora, nós, através de encontros e de diversas conversas com outros geógrafos e com outros cientistas sociais — sociólogos, antropólogos, na América Latina, principalmente — temos tratado de desenvolver e trabalhar também com esse conceito de pós-desenvolvimento, pensado não como uma alternativa de teoria do desenvolvimento, não é isso, é uma teoria crítica do desenvolvimento – do desenvolvimento como discurso e do desenvolvimento como prática. Não estamos dizendo que deve-se colocar outro tipo de desenvolvimento, outro modelo, outra estratégia, mas ir ao fundo de quem criou o desenvolvimento e o subdesenvolvimento. Então, por exemplo, [Arturo] Escobar levanta em seu livro “*La invención del tercer mundo*”<sup>1</sup> como foi inventado o “terceiro mundo” e dá uma data específica: fevereiro de 1949, com um discurso de Truman, que fala precisamente “nós, os países desenvolvidos, vamos tratar de ajudar esse mundo de subdesenvolvidos”. Que agora não é mais o imperialismo, não é a invasão, não são as armas, mas é a ajuda e a colaboração. Foi uma invenção nesse sentido.

Então pergunta-se de que maneira se criaram essas categorias próprias da linguagem do desenvolvimento, o que é “bem-estar”, o que é “qualidade de vida”... O que significa isso? O que significa satisfação de necessidades básicas, o que são necessidades e o que são necessidades básicas? Toda essa linguagem e, além disso, todo esse aparato que se formou ao redor do desenvolvimento através das Nações Unidas, do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional, do Banco

1 ESCOBAR, Arturo. *La invención del tercer mundo*. Caracas: Fundación Editorial el perro y la rana, 2007.

Interamericano do Desenvolvimento, da CEPAL... Quer dizer, todo esse organograma pensando que deve ser de uma determinada maneira – o diziam de maneira muito clara: tem que ser como nós somos nesse momento, ou seja, a modernidade nossa. Nossa forma, digamos, de viver, mas sobretudo nossa forma de pensar. Quer dizer, a modernidade liberal ocidental é também uma modernidade material. De coisas que é preciso alcançar. A água potável, a saúde, a educação, etc. Mas sobretudo, é o modo de viver a vida. É uma visão ontológica a respeito de que tipo de vida queremos e essa vida tinha que estar baseada na razão, na ciência. E no indivíduo, principalmente.

A partir desse ponto de vista, nós da Geografia temos muito claro de que maneira se produzem esses desenvolvimentos regionais desiguais. Nos países, no interior dos países e em nível mundial. Nós temos muitas ferramentas para explicar precisamente por que isso acontece. Por que certas regiões do mundo são atrativas a partir do primeiro mundo. Por que se investe nessas em um momento e depois de um tempo já não, e esse capital vai para outro lado. Como se move, como circula... Não só o capital, mas também o conhecimento. Por que alguns países querem ter colaboração com o Chile, por exemplo, mas não com o Peru? E tampouco com Haiti, ou com Nicarágua? Então é uma seleção que estão fazendo constantemente e que nesse sentido faz com que sejamos permanentemente, creio eu, catalogados como terceiro-mundistas.



Quer dizer, nessa ideia de Wallerstein de centro, periferia e semiperiferia, parecemos estar permanentemente em uma semiperiferia. Países como os nossos, que são países emergentes, mas estamos aí – Taiwan, Coreia del Sur, México, Brasil agora... É uma permanente “emergência”, não pode ser. Não é possível estar constantemente esperando que chegue. No entanto, esperamos que chegue, não é? Que chegue à classe média, que chegue à classe baixa. Mas em quarenta anos... Quanto tempo vamos esperar? Então já são permanências, na realidade. O que nos fazem crer que é um processo dinâmico, parece que não é. Porque você vê mapas clássicos, por exemplo, de índices de desenvolvimento humano (IDH), desde o PNUD, que começou a trabalhá-los em 1992, me parece... Com os parâmetros que vocês conhecem, os seis parâmetros, se você os vê e vê por cores, o verde é mais alto, o nível médio, o nível regular, o nível baixo... Você não vê muitas mudanças de cores. Alguns países, como a África do Sul, por exemplo, muda de cor, um pouquinho... O Chile mudou de cor também, a Europa Oriental mudou de cor,

nesse tempo, também um pouco, e Espanha e Grécia, mas não há grandes mudanças. A China também, mas a China pensando em seu crescimento, não em seu desenvolvimento. Então não há grandes mudanças em tantos anos. É preciso questionar o que é isso de desenvolvimento. Qual é esse discurso, essa utopia do desenvolvimento.

**BCG:** Levando em conta sua experiência, por ter trabalhado tanto tempo na Suécia, depois voltar ao Chile, ou seja, trabalhar com uma Geografia mais anglo-saxônica em Lund e depois voltar a uma Geografia mais latino-americana, como você vê as diferenças entre as práticas acadêmicas na Geografia?

**Sandra:** Na verdade eu considero que as práticas acadêmicas estão muito marcadas pela forma pela qual o mercado em geral é regulado ou não em cada país. No nosso caso, o caso chileno, a educação é uma educação completamente de mercado. É uma mercadoria. Nesse sentido, isso marca muito a forma com que os jovens escolhem estudar, por exemplo, ou escolhem o que estudar, porque na verdade não escolhem tanto. Escolhem dentro do que podem estudar porque os cursos são caros, cada curso custa dinheiro. Estudar Medicina custa muito, estudar engenharia mais, estudar geografia menos, estudar para professor também menos, me entendem? Então esse é um cálculo econômico que se faz, e que não é necessário fazer na Suécia ou nos países escandinavos onde a educação é um direito. Não é que seja gratuita, é que já a pagamos com nossos impostos, porque nada é de graça. Todos pagamos antes através de nossos impostos.

Nesse sentido, me parece que a liberdade de escolher o que vou estudar não existe de verdade em nosso país e nos países onde é o mercado quem manda. O mercado, quanto custa estudar, quantos vagas vão abrir... Se há duzentos estudantes e só há trinta vagas, custa muito entrar. Mas se é um curso que cada vez quer abrir mais e mais vagas, porque também precisa de mais dinheiro... Então é uma transação, entendem? A universidade nos diz “bom... Geografia agora tem quarenta vagas, mas vamos subir para cinquenta e cinco”... Por quê? São quinze pessoas a mais que vão pagar, e é dinheiro que entra constantemente na universidade. Nesse sentido, é difícil estabelecer uma comparação sobre por que estes são melhores e aqueles piores. Creio que o que ocorre é uma questão de economia de mercado, de livre mercado — que não é tão livre na verdade — e que também marca muito o tipo de

*a liberdade de escolher o que vou estudar não existe de verdade em nosso país (Chile) e nos países onde é o mercado quem manda.*

estudante que entra.

Nesse sentido, a educação escandinava, por ser livre e por ser muito flexível, é muito diferente da nossa que é inflexível e que é muito cara. Por outro lado, a influência que teve a escola alemã no Chile, inicialmente, no começo de mil e novecentos, marcou um pouquinho o início; e logo vem a influência francesa. Mas a influência francesa da escola geográfica regionalista — Vidal de La Blache, digamos — e também norte-americana, com Sauer e Hartshorne... Então não houve uma influência, por exemplo, da escola francesa anarquista, de [Yves] Lacoste, nada disso... E tampouco da humanista.

Então foi um pouco difícil, às vezes, ser partícipe, integrar essas novas temáticas que não sejam as típicas que se estudava em geografia regional, novas metodologias... Muito difícil também falar de metodologias qualitativas inicialmente, porque quase tudo é quantitativo, e também muito baseado nas tecnologias de informação geográfica e em SIG. Por outro lado, no enfoque epistemológico nossa geografia também está muito marcada pelo positivismo e o neopositivismo. O que não é ruim, é bom que exista, o problema é que não tem havido espaço para esses outros enfoques epistemológicos. Que também são importantes, não são melhores ou piores, são necessários para compreender a complexidade da vida e das relações. O interesse é termos enfoques diversos, poder ter a capacidade de debater, e ao debater, ao discutir, gera-se novos conhecimentos, e gera-se uma forma de desafio. Desafio ao conhecimento.

Considero que é importante que nós tenhamos que gerar conhecimento a partir do sul, como fala Boaventura de Sousa Santos, “epistemologias do sul”. É difícil que sejam puramente do sul, porque tudo é global, e tudo é intercalado, nada é puro da América Latina. Mas nós poderíamos, de algumas correntes, tomar, creio eu, alguns elementos que nos distingam como falantes do sul.

*BCG:* O que pensa desses centros latino-americanistas, de estudos da América Latina a partir dos países desenvolvidos...?

*Sandra:* Não é que sejam bons ou ruins. Digamos que não é essa a discussão, que não tem muito sentido, porque existem e produziram em geral muito conhecimento. Que, por sua vez, serve para nós, mas sem dúvida é importante fazer uma desconstrução, creio eu, muito precisa desses discursos. Porque inicialmente todos esses centros latino-americanistas na América do Norte — onde há muito, na Europa também há, mas diria que sobretudo na América do Norte — são bem-vindos, porque aqui há um espaço de discussão, um espaço de diálogo, onde nós também podemos ir e contribuir de alguma maneira, escrever algumas coisas em

conjunto... Mas logo, também – como em tudo, não? – tratamos de revelar as relações de poder existentes na geração de conhecimento. Então aí sim encontramos, creio eu, certos pensamentos coloniais. Ainda que algumas pessoas sejam muito cuidadosas, porque são muito cuidadosas com a linguagem, com as práticas de não cair nessas relações subordinadas.

Mas me parece que essa relação que nós temos de subalternos e subalternas persiste na visão do primeiro mundo e também persiste em nossa visão, a partir de nós mesmos. E ainda que pareça um pouco paradoxal, no meu ponto de vista, é importante sempre reconhecer-se como subalterno. Quando você deixa de se reconhecer como subalterno já é outra coisa. Como disse Gayatri Spivak, que é uma teórica social da Índia – feminista e pós-colonialista, uma das mais conhecidas e respeitadas junto a Chandra Mohanty. Mohanty fala de como o primeiro mundo inventou a mulher do terceiro mundo. Seu artigo se chama “Sob os olhos do Ocidente”<sup>2</sup>, um artigo muito bom, que é um clássico, do qual depois faz uma versão nova, não faz muito tempo. Trata de como o Ocidente inventou a mulher terceiro-

*Essa relação que nós temos de subalternos e subalternas persiste na visão do primeiro mundo e também persiste em nossa visão, a partir de nós mesmos. E ainda que pareça um pouco paradoxal, no meu ponto de vista, é importante sempre reconhecer-se como subalterno.*

mundista — em contraposição à mulher primeiro-mundista. A mulher terceiro-mundista é uma mulher subjugada, que é golpeada, que é maltratada, que não tem voz. Contra a mulher do primeiro mundo, que é liberada, uma mulher que tem direitos, que é sujeito político, que não é maltratada, que não é violentada... o que não existe, não é? Isso não existe.

Bom, depois Spivak também se pergunta, em um artigo muito controverso em sua época, se o subalterno pode falar. Toda essa discussão, essa dialética... deixo eu de ser subalterno? Em que momento me transformo em sujeito político, e então já não sou subalterno? Então posso falar pelos demais ou na verdade cada um tem que falar sobre si mesmo? De fato, David Harvey, em uma de suas falas que tivemos também em Concepción em 2011, quando havia todo um movimento estudantil muito forte, muito poderoso, também se perguntou isso. Como é isso de que há gente que diz por aí que um não pode falar por outro? Aludindo, suponho eu, a Spivak, porque ele propõe que sim, pode-se falar pelos outros. Acredito que é um debate interessante.

2 MOHANTY, Chandra Talpade. Under Western Eyes: feminist scholarship and colonial discourses. *Boundary 2*, v. 12, n. 3, v. 13, n. 1, 1984.

BCG: Você teve bastante contato com os estudos de gênero, que ganharam uma importância especial para algumas linhas de pensamento, sobretudo na geografia anglo-saxônica, onde ganharam grande esforço as geografias feministas. Pode nos falar brevemente sobre como a questão de gênero passa a integrar suas pesquisas e quais são as principais bases teóricas que utiliza?

Sandra: Bom, sem dúvidas a geografia de gênero originalmente é anglo-saxônica, surgem muitas boas ideias de britânicas, principalmente. Linda McDowell e Doreen Massey são talvez as primeiras a escreverem artigos muito importantes, que foram marcos na geografia de gênero. Por exemplo, “Qual é o lugar da mulher”<sup>3</sup>. Existe um lugar para a mulher? Ou existe um lugar, do ponto de vista simbólico e geográfico, para o homem...? Então me parece que há um grande valor aí para resgatar, desse ponto de vista. Também em Lund e também na Suécia são fortes os estudos de gênero em geral, não somente a partir d Geografia.

Agora, me interessa muito falar dos estudos feministas, mais do que dos estudos de gênero. Como falávamos ontem, foi difícil inicialmente falar de gênero, mas principalmente se basearam em estudos da mulher, também a partir da Geografia. Qual é o problema das mulheres, das mulheres rurais principalmente, qual é o problema das mulheres no emprego, no trabalho etc. Dos direitos básicos. Para passar depois ao gênero, que trata, digamos das relações de poderes entre gêneros. Entre homens e mulheres, entre mulheres e mulheres, entre homens e homens também.



Nesse sentido, me interessa mais falar a partir do feminismo, porque o feminismo propõe também a partir da Geografia uma transformação radical. E são transformações radicais as que nos interessam, não reformas e pequenos remendos. E porque assim vivemos pondo adjetivos, como dizíamos: “desenvolvimento”, bom, vamos colocar o “desenvolvimento sustentável”; agora, vamos colocar o “desenvolvimento sustentável radical”; então depois virá outro adjetivo, e as coisas mudam, não?

Assim, o radical significa ir à raiz dos problemas. Isso é o radical. Nesse sentido, a Geografia tem muito o que fazer, porque compreende muito, por

3 MASSEY, Doreen; MCDOWELL, Linda. A woman's place. In: MASSEY, Doreen; ALLEN, John (eds.). *Geography Matters! A Reader*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

exemplo, de como usamos o espaço, homens e mulheres. Mas não somente homens e mulheres; o feminismo também contribuiu com esse conceito [interseccionalidade], do qual falávamos ontem, que advém precisamente também de feministas negras, principalmente. Inicialmente dos Estados Unidos, com Bell Hooks, por exemplo... De que maneira não é só importante ver a raça, ver que sou negra, e por isso sou discriminada também, porque sou mulher e também porque sou pobre. Mas não é uma somatória, não é uma soma, senão um entretecido, e é em que lugar desse tecido, dessa teia de aranha, que me encontro em um momento determinado, em um momento histórico e em um tempo preciso. E pode mudar, como dizia ontem.

Eu posso ser ninguém, ou posso ser muito discriminada na Suécia, por exemplo na rua, mas não na academia em meu país, porque ali ocupo outro lugar, certo? Então essas são as coisas que o feminismo também tem entregado, entregou à Geografia e a Geografia também contribuiu com esses cruzamentos, de falar de classe, de gênero, de raça, de etnia, de idade, de adolescentes, de velhice, etc. Nesse sentido, me parece que a Geografia tem contribuído muito com os estudos de gênero e os estudos de gênero com a Geografia. Nós, no Chile, temos muito pouco, digamos, de Geografia de gênero. Mas temos tentado fazer algo; temos tratado de que faça parte do currículo habitual. Pelo menos os textos também. Que não seja um apêndice, quer dizer, “bom, agora vem você e fala de gênero”. Não. Digamos que quando falemos de reformas agrárias, quando falemos das urbanizações fechadas, quando falemos das grandes empresas, vejamos também “bom, aqui há um problema de classe, mas aqui há também um problema de gênero”. E se os entrecruzamos, vemos aí relações muito complexas. E nesse sentido, a Geografia tem feito um aporte importante.

*A Geografia tem contribuído muito com os estudos de gênero e os estudos de gênero com a Geografia.*

**BCG:** Você trabalhou cerca de vinte anos na Suécia antes de regressar ao Chile e a escola de Geografia de Lund tem como um de seus principais expoentes o geógrafo Torsten Hägerstrand... Enquanto estudava em Lund, você teve contato com esse grupo de pesquisadores de Hägerstrand? Pode nos contar um pouco?

**Sandra:** Bom, eu vivi vinte anos na Suécia, mas em grande parte estudando, primeiro estudando a graduação, depois a pós-graduação, e depois trabalhando. Quando eu cheguei na Suécia, ele já estava se aposentando. Mas tive a oportunidade de ir a aulas com ele no doutorado. Não era fácil, porque bom, ele

falava sueco e eu vinha recém-chegada, me custava entender, em geral... Alguma coisa captei, né? Mas bem, me parece que o departamento de Geografia da Universidade de Lund ganhou muito prestígio graças a Torsten Hägerstrand, e que do ponto de vista de um geógrafo neopositivista é um aporte muito importante que fez. Também pensando em evitar essas dicotomias, em evitar essas disputas bastante bizantinas de que se é positivista não contribui nada e se é radical contribui, se é humanista, etc. Contribuíu muitíssimo. Agora, eu não trabalhei com sua metodologia. Ele sugeriu uma vez que o que ele propunha, essa geografia espaço-temporal (*Time Geography*) era mais uma metodologia de trabalho do que uma teoria.

Nesse sentido, colegas que estudavam a partir do gênero, precisamente, conformaram uma área de estudos de geografia do gênero em Lund, importante, e propuseram de que maneira homens e mulheres ocupam o espaço e o tempo, e de que maneira esses “projetos de vida” de que fala Torsten Hägerstrand se cruzam ou não se cruzam. Não são muito diferentes essas trajetórias de vida, que chamava. E usavam especificamente essas metodologias para ir medindo, “que faço eu em dez horas do dia que estou acordado? Que faço como mulher? Que faço como homem?”

Era interessante, por exemplo, pensando nas mulheres suecas; as pesquisadoras foram entrevistá-las em seu trabalho de campo, e quando lhes perguntavam dos trabalhos domésticos, quem faz as tarefas domésticas, e todas respondiam “entre os dois”, “cinquenta e cinquenta por cento”. Porque essa é a visão que elas querem dar, também, não é? E logo fazemos esse exercício de ver “a que horas se levanta, que faz, a que horas dorme, quem faz o que, quantas horas livres tem o dia”, e se dá conta de que não é assim... Então isso é uma forma de um ponto de vista muito prático, metodológico, para, como mostra Torsten Hägerstrand, ver esse tipo de trajetórias de vida, que é o que mais conheço, porque como já disse, não trabalhei muito isso. Me parece importante revelar também o papel de Hägerstrand.

**BCG:** Uma discussão constante que tem permeado os estudos geográficos tem a ver com a divisão entre Geografia Física e Geografia Humana. Há diferentes formas de acordo com as linhas de investigação. Levando em conta sua experiência tanto na Geografia europeia quanto na Geografia latino-americana, como vê essa questão?

**Sandra:** De maneira inicial, eu diria que a Geografia Física e a Geografia Humana são disciplinas diferentes, e assim eu estudei e assim é estudado em muitas partes do mundo: na Suécia a carreira de Geografia está dividida em humana e

física e pertencem a faculdades diferentes. Dito isso, não quero dizer que seja a melhor opção, tampouco. Mas sim, segundo a experiência que nós temos ao estarem os departamentos divididos, separados, se produz um melhor trabalho colaborativo que ao estar juntos. Pelo menos é o que vi no México, o que vi na Colômbia, o que vi um pouco em Cuba e no Chile, principalmente, onde essa Geografia é uma só.

Me parece que estarmos unidos não significa, em absoluto, que estejamos integrados. Não estamos integrados. Que é o que sempre se pretende dizer aos estudantes. Sempre os estudantes de graduação lá propõem que a Geografia é uma ciência integral. E eu lhes digo: por que pensam que a Geografia é uma ciência integral? Nenhuma ciência é integral. Nenhuma ciência é completa, nenhuma ciência é holística. Não há, porque seria uma ciência única, seria “A” ciência, que daria respostas a todos os problemas. E a Geografia não faz isso. A Geografia dá respostas a determinadas interrogações, de determinada maneira, certas perguntas, de certa maneira. O que nós sabemos? Digo aos jovens estudantes: o que sabemos da subjetividade? O que sabemos da psiquê do ser humano? Nada sabemos, não é?

*A Geografia Física e a Geografia Humana são disciplinas diferentes (...). Me parece que estarmos unidos não significa, em absoluto, que estejamos integrados. Não estamos integrados. Que é o que sempre se pretende dizer aos estudantes.*

A não ser que nos dediquemos a isso especificamente. Sabemos muito pouco disso. Então pensar isso de que a Geografia é holística me parece um pouquinho pretensioso.

Não há ciência holística... As ciências estão muito compartimentadas, como propõe [Edgar] Morin, como propõe [Enrique] Leff, por exemplo, cada um em seu feudo de conhecimento, e isso é benigno também, a superespecialização. Mas sim, penso eu que, em vez de estar unidos, mas não integrados, talvez seja melhor estar separados, mas estabelecendo laços, estabelecendo encontros, pontos de encontro. Nesse sentido, o enfoque, ou digamos, a visão pós-estruturalista da que eu falo principalmente, penso que é importante, porque precisamente une o social ao natural, quer dizer, estabelece essas relações porque sempre o espaço é relacional, em relação a — o natural em relação ao social, o social em relação ao natural, que já não é social puro, nem natural puro; sempre é um combinado.

Por exemplo, quando estudamos os alimentos ou a política dos alimentos em Geografia, é precisamente um mundo que mistura o natural e o social, o natural e o

simbólico, então é precisamente aí que a Geografia, a partir da Geografia Humana, Econômica, por exemplo, e a partir da Geografia Ambiental ou a partir de outras ciências, da Biologia, da Agronomia, podemos encontrar pontes onde se possa dialogar.

Isso não quer dizer que estejamos completamente desconhecendo o que uma ciência ou outra pode aportar. Mas, como disse inicialmente, penso que como estão propostas hoje, preferiria trabalhar como duas disciplinas. Sei que muitos colegas meus diriam que não, que é o pior que poderia se pensar, o pior que se pode propor, mas eu acredito que seríamos muito fortes, muito sólidos, como geógrafos humanos por um lado e geógrafos físicos por outro. E que ambos, digamos, propuséssemos nosso pensamento geográfico, a partir da Geografia Humana e a partir da Geografia Física. Nesse sentido, à Geografia Física faz falta um pouco propor epistemologicamente a partir de onde fala como Geografia Física. Aí há uma dívida da Geografia Física, creio eu. E nós, nesse sentido, podemos colaborar e contribuir.

\* \* \*

#### Sobre a entrevistada

*Sandra Valeska Fernández Castillo*, geógrafa chilena, é diretora do Departamento de Geografia da Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Geografia da Universidad de Concepción, no Chile. Fez seu doutorado em Geografia Humana na Universidade de Lund, na Suécia.

\* \* \*

**BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>

*Entrevista realizada em dezembro de 2015.*